

Anabela de Sousa Lopes é Professora Coordenadora da Escola Superior de Comunicação Social (ESCS/IPL). Investigadora integrada do ICNOVA, tem formação em Ciências da Comunicação (Doutoramento, Mestrado e Licenciatura). Coordenou cursos de licenciatura e de mestrado na ESCS e lecionou, igualmente, na Universidade de Cabo Verde e no curso de doutoramento em Ciências da Comunicação do ISCTE. É autora de vários artigos sobre os *media* e o jornalismo e publicou dois livros: *CD Áudio-Efeitos de Singularidade e Tecnologias da Comunicação: Novas Domesticações*.

Assunção Gonçalves Duarte é doutoranda em Media Digitais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL). O seu projeto de investigação está associado ao iNOVA Media Lab do ICNOVA e versa o tema "O GIF animado como facilitador das narrativas visuais do jornalismo digital e da cultura participativa". É licenciada em Comunicação Social pela FCSH-UNL e em Design pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Como designer gráfico de comunicação tem criado, entre outros, conteúdos para a área da Educação em Conservação Ambiental e Cidadania. Leciona unidades curriculares na área da imagem e multimédia, nomeadamente na Escola Superior de Comunicação Social.

Fátima Lopes Cardoso é doutorada em Ciências da Comunicação, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa, mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, pelo ISCTE, e licenciada em Jornalismo, pela Escola Superior de Comunicação Social (ESCS). Jornalista em vários títulos da imprensa nacional desde 1997, investigadora do ICNOVA e professora adjunta na Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa (ESCS-IPL), desde 2006 leciona unidades curriculares na área de jornalismo escrito e das linguagens visuais. É autora do livro *Jornalistas-Escritores: A Necessidade da Palavra* e da coleção de 12 livros *Os Anos de Ouro do Cinema Português*.

Jacinto Godinho é jornalista dos quadros da RTP (Rádio e Televisão de Portugal) desde 1988. Como repórter fez vários trabalhos de investigação premiados, como Tráfico de hormonas para a carne de vaca (1993) e Caça aos golfinhos nos Açores (1994). Produziu e realizou várias séries documentais, como é o caso de *Ei-los que Partem – Uma história da Emigração Portuguesa* (2006); *A PIDE Antes da PIDE* (2016); *Quando a Tropa mandou na RTP* (2017); *A Gravação Secreta da Assembleia Selvagem* (2019) e *PCP: 100 anos a resistir* (2021). Foi por duas vezes galardoado com o Prémio Gazeta do Clube de Jornalistas. Doutorado em Ciências da Comunicação pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa, é investigador do ICNOVA e professor auxiliar do Departamento de Ciências da Comunicação da FCSH-UNL. Publicou os livros *As origens da reportagem – Imprensa* (2009) e *As origens da reportagem – Televisão* (2011).

Manuel Carvalho Coutinho é doutorado em Ciências da Comunicação, com Especialidade em Media e Jornalismo, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É autor de várias publicações, criador de conteúdos e experiente conferencista com um percurso de estudos na área de Jornalismo Literário, Media e Filosofia da Educação. Possui experiência profissional na área de investigação, recursos humanos e organização de eventos. Investigador integrado no centro de investigação CECC – Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.

Maria José Mata é docente e foi coordenadora dos cursos de Licenciatura (2015-2017) e Mestrado (2017-2021) em Jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social (ESCS/IPL). Investigadora integrada do ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova, é doutorada em Ciências da Comunicação, variante de Estudos dos Media e do Jornalismo pela FCSH-UNL e investiga e leciona nas áreas das teorias, das práticas e da deontologia do jornalismo, com particular interesse pelas questões relacionadas com as práticas e as representações jornalísticas visuais.

O Jornalismo Visual em Portugal – Contributos para uma História resulta de investigações realizadas por seis autores – Anabela de Sousa Lopes, Assunção Gonçalves Duarte, Fátima Lopes Cardoso, Jacinto Godinho, Manuel Carvalho Coutinho, Maria José Mata –, no âmbito do projeto *Para uma História do Jornalismo em Portugal*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT-PTDC/COM-JOR/28144/2017). Como o título indica, apresenta contributos que concorrem para a história do jornalismo visual em Portugal. Organizada em quatro partes – História do Fotojornalismo nos séculos XX e XXI; História do Cinejornalismo e do Telejornalismo; A Informação Não Diária na RTP2; A Evolução da Infografia Jornalística em Portugal –, a obra convida a uma viagem no tempo que permite conhecer as principais tendências na evolução do jornalismo visual, em que se assinalam momentos históricos determinantes na produção noticiosa marcada pela fotografia, pela imagem televisiva e pela infografia.



ANABELA DE SOUSA LOPES • ASSUNÇÃO GONÇALVES DUARTE
FÁTIMA LOPES CARDOSO • JACINTO GODINHO
MANUEL CARVALHO COUTINHO • MARIA JOSÉ MATA

COLEÇÃO ESTUDOS E REFLEXÕES

O JORNALISMO VISUAL EM PORTUGAL

CONTRIBUTOS PARA UMA HISTÓRIA

O JORNALISMO VISUAL EM PORTUGAL: CONTRIBUTOS PARA UMA HISTÓRIA



9 789895 136784 9

 **POLITÉCNICO DE LISBOA**

**O JORNALISMO VISUAL EM PORTUGAL
– CONTRIBUTOS PARA UMA HISTÓRIA**

O JORNALISMO VISUAL EM PORTUGAL – CONTRIBUTOS PARA UMA HISTÓRIA

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto PTDC/COM-JOR/28144/2017 – Para uma história do jornalismo em Portugal.

This work is financed by national funds through FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., in the scope of the project PTDC/COM-JOR/28144/2017 – Towards a history of journalism in Portugal.



TÍTULO

O Jornalismo Visual em Portugal – contributos para uma história

AUTORES

Anabela de Sousa Lopes
Assunção Gonçalves Duarte
Fátima Lopes Cardoso
Jacinto Godinho
Manuel Carvalho Coutinho
Maria José Mata

EDITOR

Instituto Politécnico de Lisboa

DESIGN DA CAPA

Pedro Antunes
Assunção Gonçalves Duarte (fotomontagem)

EXECUÇÃO GRÁFICA

Gráfica 99

© Instituto Politécnico de Lisboa, 2022



Todos os direitos reservados

Setembro de 2022

ISBN 978-989-53678-4-9

DEP. LEGAL N.º 505 664/22

ÍNDICE

Introdução	9
-------------------------	----------

Parte I: História do Fotojornalismo nos Séculos XX e XXI

Cap.1. A fotografia na imprensa ilustrada e a lenta afirmação dos fotógrafos nas redações: da ditadura militar aos primeiros anos do Estado Novo.	17
<i>Maria José Mata e Manuel Carvalho Coutinho</i>	
Cap.2. De 25 de Abril de 1974 às primeiras décadas do novo milénio: Os últimos 40 anos da fotografia de imprensa em Portugal	69
<i>Fátima Lopes Cardoso</i>	

Parte II: História do Cinejornalismo e do Telejornalismo

Cap. 1. O jornalismo audiovisual antes da televisão.....	115
<i>Jacinto Godinho</i>	
Cap. 2. A inauguração da RTP e a primeira grande reportagem televisiva	141
<i>Jacinto Godinho</i>	
Cap. 3. O telejornalismo no tempo do Estado Novo. De 1956 a 1974	153
<i>Jacinto Godinho</i>	

Parte III: A Informação Não Diária na RTP2

Cap. 1. O nascimento de um novo canal: a informação não diária da RTP2, de 1968 a 1991	231
<i>Anabela de Sousa Lopes e Manuel Carvalho Coutinho</i>	
Cap. 2. A afirmação da identidade da RTP2: a informação não diária, de 1992 a 2010	257
<i>Anabela de Sousa Lopes e Manuel Carvalho Coutinho</i>	

Parte IV: A Evolução da Infografia Jornalística em Portugal

Cap.1. Infografia Impressa: das primeiras experiências do século XVIII à afirmação como género jornalístico no final do século XX.....	287
<i>Assunção Gonçalves Duarte</i>	
Cap.2. A Infografia Digital: de formato emblemático do jornalismo online do início do século XXI à integração nas narrativas multimodais do jornalismo digital moderno.....	339
<i>Assunção Gonçalves Duarte</i>	

O nascimento de um novo canal: a informação não diária da RTP2, de 1968 a 1991

Anabela de Sousa Lopes

Escola Superior de Comunicação
Social (ESCS/IPL) e ICNOVA
alopes@escs.ipl.pt
ORCID ID: 0000-0002-6587-1427
CIÊNCIA ID: 7B1B-2E0B-21BC

Manuel Carvalho Coutinho

CECC (FCH-UCP)
manueljoaocc@gmail.com
ORCID ID: 0000-0001-6562-0188
CIÊNCIA ID: 061B-4A3F-18B3

Introdução

Tem sido prolífica a investigação científica desenvolvida em torno da televisão, nomeadamente por vários investigadores portugueses. Elegendo ângulos diversos têm contribuído para a análise e reflexão das problemáticas que se focam neste *medium* que Roger Silverstone (1994) considerou ser o mais importante mediador de todos os meios de comunicação social. Destacamos alguns autores nacionais que têm desenvolvido investigação na área dos estudos sobre a televisão portuguesa, cujos trabalhos têm um âmbito temporal importante na construção da história do panorama televisivo português: Nelson Traquina (1997), Francisco Rui Cádima (1999), Helena Sousa e Manuel Pinto (2004), Felisbela Lopes (2007), Alberto Arons de Carvalho (2009), Manuel Pinto (2005, coord.), Jacinto Godinho (2009), Nilza Mouzinho de Sena (2009), Eduardo Cintra Torres (2011).

O universo RTP tem merecido a atenção de vários investigadores, contudo, no que à televisão diz respeito, os escassos trabalhos académicos desenvolvidos especificamente sobre o segundo canal da RTP têm-se

centrado na produção não jornalística, nomeadamente em programas infantojuvenis, e em períodos mais recentes da vida deste canal com 52 anos de existência. Não queremos com isto afirmar que a história da RTP2 está por fazer. A RTP tem dado a conhecer a sua história, nomeadamente no seu *site*, onde podemos consultar a obra de Vasco Hogan Teves, que trabalhou vários anos na área de informação da RTP, alguns dos quais em cargos de chefia. Aliás, foi um dos documentos relevantes na nossa pesquisa, pois contém informação sobre os primeiros 50 anos da RTP, com detalhes e depoimentos que ilustram bem o percurso da estação pública.

O período de análise traçado no âmbito do projeto de investigação onde desenvolvemos o nosso trabalho¹ – 1968 a 2010 – compreende em si múltiplas fases da vida da RTP2 que acompanharam este canal numa constante renovação e reinvenção interna e externa. Igualmente, estas diferentes fases da RTP2 orientaram não só a sua programação e investimento em programas de informação, mas também a sua própria imagem no panorama nacional. De facto, basta olhar, por exemplo, para a designação do segundo canal da RTP e ver como ao longo dos anos se alterou o seu nome e identidade: 2.º Programa (de 1968 a 1978), RTP Canal 2 (de 1989 a 1992), TV2 (de 1992 a 1996), 2: (de 2004 a 2007); intercalando-se nos anos não referidos com o seu nome mais conhecido e atual de RTP2.

O nosso objetivo é o de apresentar uma abordagem diacrónica sobre os programas de informação não diária, transmitidos em horário nobre, excluindo-se os noticiários.

Apesar de não ter sido possível consultar presencialmente os arquivos da RTP (foram utilizados alguns documentos disponíveis *on-line*, com a autorização da Direção Arquivos RTP), devido às restrições de acesso relativas à pandemia da covid-19, conseguimos realizar esta investigação através de outros documentos respeitantes aos anos em análise neste estudo, como os Anuários e os Relatórios e Contas da RTP². Os dados recolhidos foram organizados de acordo com os seguintes parâmetros:

¹ Este capítulo resulta de parte da investigação realizada no âmbito do projeto *Para uma História do Jornalismo em Portugal*. FCT-PTDC/COM-JOR/28144/2017

² Esses documentos foram disponibilizados por RTP/Núcleo Museológico/Arquivo Histórico. Os nossos agradecimentos a Pedro Braumann e à equipa que dirige.

ano; canal; nome do programa; dia da semana/hora; duração média de cada emissão; periodicidade; tempo total (por ano); jornalista(s) que conduz(em) o programa; temática e descrição/tipo de programa. Essas coordenadas possibilitaram uma leitura clara sobre a evolução dos programas de informação da RTP2, apesar de muitos deles não estarem referenciados com todos os *itens* que elegemos, nos documentos consultados. Procurou-se, com esse elenco, evidenciar as opções editoriais materializadas nos diferentes formatos de programas dedicados à informação jornalística, transmitidos após os noticiários.

Neste capítulo, o recorte temporal de 1968 a 1991 alude a momentos marcantes da história da RTP2, desde os primeiros anos de emissão – quando o canal complementava a RTP1 –, até ao momento em que começou a transmitir programas variados e originais, facto que ocorreu ao longo da década de 1980, até ao início da década de 1990. Ao considerarmos esse período temporal, centrámos o estudo no período prévio à entrada das televisões privadas em Portugal, que se deu em 1992, quando a SIC iniciou as suas emissões, seguida da TVI, um ano mais tarde. Essa fase de viragem será alvo da nossa atenção no capítulo seguinte.

Um novo canal

A RTP2, na altura 2.º Programa, surge com emissões irregulares a 25 de Dezembro de 1968 e o diretor-geral adjunto, Matos Correia, apresentou os objetivos do canal, na sessão inaugural:

O 2.º Programa, que entrou na sua fase experimental, tem como objectivo fundamental – num futuro que esperamos seja próximo – propor aos srs. espectadores um programa de emissões complementares das existentes, ou de natureza diferente, quando consideradas comparativamente as emissões do 1.º e 2.º programas. Procurar-se-á oferecer a possibilidade de escolha entre géneros diferentes, com a preocupação de atingir um equilíbrio que permita uma selecção coerente com as preferências de cada um, ou a apresentação de determinadas emissões que, pela sua natureza experimental ou demasiado especializada, a existência de um só programa não justificaria nem tornaria

legítimo (Teves, 2007, *Década de 60 – Do 2.º Programa à Lua e ao “Zip-Zip”*, p. 1).

A proposta de real alternativa à RTP1 levaria algum tempo a materializar-se e a decisão da programação e orientação geral deste novo canal não se verificou durante a administração de João Duque. De facto, a 8 de Abril de 1969 terminou o mandato de:

(...) João Duque [que] cedia o seu lugar após ajustar parte da hierarquia às realidades que então se deparavam (Ramiro Valadão completaria esses ajustes) e depois de ter concretizado um propósito enunciado logo no início do seu mandato e que era o de dotar a RTP de um 2.º canal de emissão (Teves, 2007, *Década de 60 – Do 2.º Programa à Lua e ao “Zip-Zip”*, p. 8).

Ainda que tenha começado a sua programação em 1968, no ano seguinte o 2.º Programa chegava ainda a poucas casas. Note-se que na altura este canal é transmitido no primeiro emissor de UHF, instalado em Lisboa (Monsanto), e que chega apenas à capital sendo que “(...) transmite no canal 25, tem uma potência de saída de 10 Kw e irradia 405 Kw de PAR” (*Relatório e Contas – 1968*, 1968, p. 12). Com vista a crescer a sua emissão por todo o país projectaram-se para o ano de 1969 mais cinco emissores, cuja montagem e instalação se previa estar concluída até Dezembro de 1970, com o objetivo de começar a nova década com o segundo canal a chegar a “(...) cerca de 50% da população total do Continente (...)” (*Relatório e Contas – 1969*, 1969, p. 10).

Ainda assim, alguns atrasos na entrega e montagem dos emissores arrastaram este processo antecipando-se a instalação de mais antenas e redes de emissores VHF e UHF progressivamente nos anos seguintes para corresponder a este projecto (*Relatório e Contas – 1969*, 1969, p. 10). Com o avançar da década de 1970, as emissões do segundo canal aumentam progressivamente por todo o país, sendo que só uma década depois, no ano de 1982, é que se atinge finalmente essa meta do segundo canal chegar a pelo menos 50% da população total. Contudo, e como é possível ver na imagem seguinte, ainda por esta altura as zonas servidas do 2.º Canal não chegavam, na realidade, a grande parte do território de Portugal continental.

ZONA DE SERVIÇO PRIMARIO DOS EMISSORES DA R. T. P.

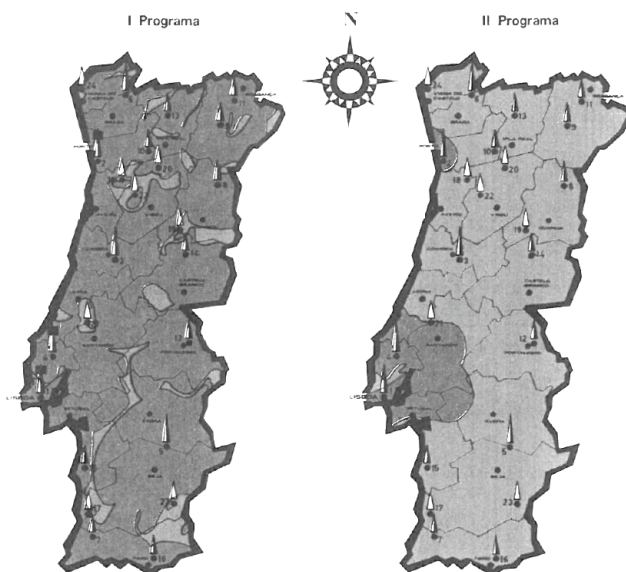


Figura 1. Cobertura do 1.º e 2.º Canal em 1970.
Fonte: *Relatório e Contas – 1970, 1970.*

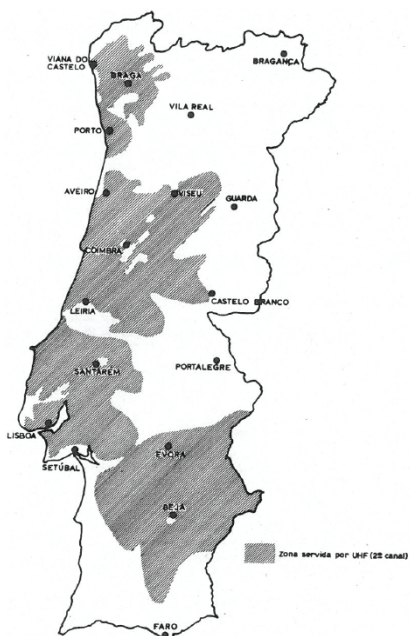


Figura 2. Cobertura do 2.º Canal em 1982.
Fonte: *Relatório e Contas – 1982, 1982, p. 36.*

Apesar deste início atribulado em termos de cobertura nacional e de ter começado as emissões uma semana antes do fim do ano de 1968, em 1969 o 2.º Programa tinha já cerca de 1000 horas de tempo total de emissão (*versus* as 3166 horas na RTP1 ou 1.º Programa no mesmo ano), o que dava por volta de três horas por dia. Em termos de tempo total de emissão, o segundo canal da RTP manteve uma média de 1200 horas por ano durante a sua primeira década de vida, de 1969 a 1979, mantendo praticamente sempre esse registo de três a quatro horas de emissão diárias e sempre com foco na emissão durante o horário nobre. Neste ponto, importa também sublinhar que durante muito tempo o segundo canal da RTP não tinha habitualmente emissões ao fim-de-semana, algo que só passou a acontecer com regularidade na década de 1990. E se este tempo total de emissão parece à primeira vista algo reduzido, tendo em conta o panorama atual da televisão nacional, é de notar também que, para termos de comparação, é apenas no ano de 1987 que a RTP1, que estava sempre à frente do segundo canal, emite “(...) pela primeira vez nos seus 30 anos de existência (...) programação diária ininterrupta das 9 às 24.00 horas” (*Relatório e Contas – 1987*, 1987, p. 10).

O segundo canal na sombra da RTP1: os primeiros dez anos

Se é inegável que os primeiros anos do segundo canal da RTP foram marcados por um percurso que podemos considerar errático, é necessário contextualizar a sua emergência num quadro de limitações políticas e económicas próprias de uma ditadura. Ramiro Valadão, presidente do Conselho de Administração da RTP durante o governo de Marcelo Caetano, declarava, em 1970, ao *Diário Popular*, que para se pensar em programação independente no segundo canal parte dela teria de ser custeada pela publicidade. (Teves, 2007, *Década de 60 – Do 2.º Programa à Lua e ao “Zip-Zip”*, p. 24).

Neste ponto importa refletir sobre os objetivos da programação do 2.º Programa e o propósito de criar este canal. É de destacar que o objetivo principal de criar um segundo canal nacional foi justificado na altura, pela administração da própria RTP, como uma necessidade de abrir “(...) uma mais vasta e ordenada gama da programação” (*Relatório*

e *Contas* – 1967, 1967, p. 41). Contudo, e durante essa primeira década de vida, a programação do 2.º Programa serviu fundamentalmente para complementar o primeiro canal da RTP, não tendo alcançado grande impacto no público português em termos de oferta de novos conteúdos. De facto, e durante um largo período

(...) o que se passou foi que as emissões experimentais tinham acento tónico na repetição de rúbricas de estúdio do 1.º – o que requereu grande utilização dos equipamentos de videotape, aliás prevista; e de séries filmadas – uma área onde nem tudo já fora visto, pois passaram algumas (poucas) em estreia. O espectador começou a habituar-se a ir procurar ao 2.º aquilo que lhe tinha escapado no 1.º. Uma atitude que se correspondeu a propósito dos responsáveis, a verdade é que acabaria por merecer várias e apaixonadas críticas, principalmente dos mais exigentes, dos que queriam dispor, rápido, de uma real alternativa de programação, uma escolha entre os produtos que se serviam à mesma hora em duas origens diferentes. Um desejo, compreensível, dos espectadores menos acomodados, mas que ainda levaria o seu tempo a chegar. (Teves, 2007, *Década de 60 – Do 2.º Programa à Lua e ao “Zip-Zip”*, p. 1).

O mesmo acontecia no telejornal que passava no segundo canal, encontrando-se para ele:

(...) uma solução que se afigurava um tanto ou quanto bizarra: a transmissão em simultâneo no 1.º e no 2.º, quando o que parecia mais aconselhável – e chegou a ser defendido, mas sem esperança, dada a evidente indisponibilidade dos equipamentos para a gravação, fora outra argumentação menos válida –, era a transmissão em hora diferida, para que se alcançassem os espectadores que o não tinham podido ver às 21.30 h., assim se dando como correcto o raciocínio dos que usavam e abusavam do lema “se não viu no 1.º veja agora no 2.º” (Teves, 2007, *Década de 60 – Do 2.º Programa à Lua e ao “Zip-Zip”*, p. 1).

Em 1971, a administração da RTP elogiava o estado do segundo canal em Portugal, referindo: “Aumentaram-se as horas de emissão. Cada vez há mais público. O 2.º Programa já não é um acessório na política de

programas da RTP – faz parte integrante dessa mesma política, define um critério e, para o futuro, desbrava complicados caminhos.” (*Anuário – 1971*, 1971, p. 177). Sendo que no Relatório e Contas considera-se o ano de 1971 “(...) como um ano de procura de autonomização do 2.º Programa (...) com a inserção de rubricas tais como *As grandes batalhas*, *Vivendo o Futuro*, *Museu do Cinema*, *TV Mundo*, etc.” (*Relatório e Contas – 1971*, 1971, p. 9). Mas no geral os passos para a autonomização foram lentos notando-se que:

(...) como a cobertura territorial do 2.º ainda não era satisfatória (embora, em termos genéricos, se pudesse dizer que abrangia centros populacionais dos mais importantes) a publicidade não rendia o que era preciso. As contas tinham, pois, de fazer-se coligindo dados em várias frentes e que acabavam sempre por apontar para o 2.º Programa, mesmo atingidas condições mais ideais, uma efectiva dependência das finanças do 1.º. (Teves, 2007, *Década de 70 – RTP Chega Mais Longe*, p. 10).

O segundo canal demoraria algum tempo até ter programas originais nacionais, particularmente no campo da informação. De facto, estreiam-se nos primeiros anos da década de 1970 importantes programas internacionais, mas em larga medida o 2.º Programa continua a ser, na realidade, um acessório do primeiro canal, continuando a emitir vários programas de informação repetidos. São eles: *TV 7 – Revista da Semana* (exibido de 1969 a 1971 nos dois canais), sobre temas internacionais; o programa *Tempo Internacional* (exibido em 1969 e 1972 nos dois canais); a série documental *A Gente que nós somos* (exibida em 1975 nos dois canais); *A Política é de todos*, programa de entrevistas (exibido também em 1975 nos dois canais). De igual forma, também os noticiários eram repetidos (de notar que o telejornal do segundo canal não faz parte deste estudo, mas não quisemos deixar de assinalar esta questão, para complementar a análise aqui presente). Tudo isto mudaria dez anos depois da origem do segundo canal, naquilo que foi em 1978

o acontecimento mais importante do ano televisivo: a partir de 16 de Outubro, o 2.º Canal – então já justificadamente baptizado de RTP2 – arrancou para uma ampla autonomia, notada e bem, mesmo pelo espectador menos

atento, pois que foi na sua linha de programação que se percebeu, desde logo, que alguma coisa estava a acontecer. (Teves, 1992, p. 14).

Os anos de 1978 a 1980 como precursores da autonomia da RTP2

Esse acontecimento de maior importância, que viria a refletir-se logo em 1978, também nos programas de informação da RTP2, deve-se em larga medida a uma mudança na administração da RTP, a partir da tomada de posse da presidência da RTP por João Soares Louro, a 28 de Março de 1978. Como atenta o crítico de TV Jorge Leitão Ramos, sobre esta época:

De facto, o segundo canal é um canal que já existe há alguns anos, mas existe como uma coisa de reprise, uma coisa sem programação própria, sem um rosto próprio, etc. E a ideia de criar dois canais que sejam de facto dois canais diferentes, com estruturas diferentes com perspectivas diferentes, etc; aparece na administração de Soares Louro. (...) É uma época de facto extraordinária porque de repente aparece um canal com uma exigência cultural muito diferente do que era a televisão até aí. (...) Com a ideia (...) de ser realmente alternativa, isto é, a pessoa podia escolher entre o um e o dois e havia programas de interesse quer num, quer noutro. Com uma informação completamente diferente, com uma redacção própria. (...) Foi de facto uma época muito interessante do ponto de vista da construção da televisão em Portugal. (*Da Revolução à Normalização*, 2004).



Figuras 3 e 4. (esquerda) Logótipo da RTP2 utilizado no Anuário de 1982; (direita) Logótipo da RTP2 utilizado no Anuário de 1983.

Fonte: *Anuário da RTP – 1982*, 1982, p. 113 e *Anuário da RTP – 1983*, 1983, p. 113.

O cineasta Fernando Lopes assumiu, de 1978 a 1980, o papel de Director de Programas da RTP2, notando-se essa clara separação entre os dois canais, quer em termos de programação quer em termos de informação em geral, algo que o jornalista Joaquim Furtado explicou da seguinte forma:

(...) há, digamos, uma autonomização real da programação e da informação da RTP2. E aí surge a Informação/2, que é um telejornal criado por um grupo de jornalistas que foram seleccionados de raiz (...). E isso teve a sua importância porque foi feita a partir de uma redacção que foi seleccionada por um director: Hernâni Santos. (...) Esse projecto foi de facto um grande de informação que rompeu com a imagem (...) de dependência em relação a critérios político-governamentais (...) foi um grande projecto de televisão onde foi possível fazer de facto informação de uma forma isenta. (*Da Revolução à Normalização*, 2004).

Hernâni Santos, director de informação do segundo canal da RTP durante este período de 1978 a 1980, defenderia o seguinte dois meses antes dessa viragem:

A concorrência (com o 1.º Canal) será qualitativa, mas não será absurda. Não vamos andar às navalhadas às goelas de cada um porque pertencemos à mesma empresa. Agora se eu puder apresentar no 2.º Canal uma notícia em primeira mão ou uma boa reportagem, certamente não a irei dar ao 1.º Canal. De resto, penso que o 1.º Canal fará mais ou menos a mesma coisa e eu acho bem que assim seja. As redacções ficarão fisicamente separadas, teremos estúdios diferentes, só alguns meios serão comuns, o que é afinal não entrar na tal concorrência ruinosa. (Teves, 2007, *Década de 70 – RTP-2: um novo Canal*, p. 4).

Este momento do percurso da RTP foi assinalado por Jacinto Godinho, no contexto do estudo sobre o papel da reportagem na produção informativa da estação pública. A partir do “primeiro curso de jornalistas que a RTP fez em 1976” inicia-se um novo caminho da reportagem. “Foi convidado para formador um experiente repórter dos canais públicos franceses, Édouard Guilbert. Pela primeira vez, toda uma geração de

novos jornalistas teve acesso a uma nova dimensão da escrita audiovisual”. Este passo foi de tal forma importante que a RTP2 “passou a ter autonomia editorial em relação ao *Telejornal* e mesmo uma redacção autónoma, através do programa *Informação 2*”. Aliás, é precisamente com muitos dos jornalistas “da *Informação 2*, onde pela primeira vez surgiu uma escola de reportagem, que se constituiu a redacção do programa Grande Reportagem” (Godinho, 2011, p. 160).

Assim, esta mudança na RTP2 teve um impacto direto não só no telejornal, emitido pelas 22h para um público que chegava mais tarde a casa, mas também nos restantes programas não diários de informação em grande parte graças aos vários novos intervenientes. De facto, foi sob a alçada de Hernâni Santos, que assumiu em 1978 a direcção de informação da RTP2, que

(...) a *Informação 2* deu também a conhecer uma série de profissionais que Hernâni Santos foi buscar, sobretudo, à imprensa. Nomes como António Mega Ferreira, José Júdice, Dina Aguiar, José Rocha Vieira, Luís Pinto Enes ou Gualdino Paredes formaram “uma equipa irrepetível que nunca mais se juntará na TV portuguesa”, segundo Henrique Garcia, um dos 25 jornalistas que, a 16 de Outubro de 1978, deram início ao programa. (Fernandes, 2002).

A informação em ambos canais era tão distinta que Hernâni Santos viria a referir que “enquanto a RTP1 passava superficialmente e sem talento pela atualidade do dia, a *Informação 2* detinha-se e tratava em profundidade os grandes temas” (Fernandes, 2002). Assim, ainda que esta nova administração tenha tido o objetivo de mudar tanto a RTP1 quanto a RTP2, é na verdade este segundo canal que no ano de 1979 “(...) sentiu alterações mais profundas na composição da sua programação” (*Relatório e Contas – 1979, 1979*, p. 8). Neste sentido, é inegável que as condições políticas terão favorecido este novo fôlego do segundo canal da RTP.

E, efetivamente, estas alterações profundas surgiram com a presidência da RTP de João Soares Louro, que soube identificar a estagnação em que se encontravam os dois canais quando tomou posse em 1978, notando o seguinte: “A expectativa que se tinha acerca da televisão com a revolução [do 25 de Abril] não foi inteiramente cumprida. Só em 1978

é que mudam de facto mais as pessoas, as caras, os protagonistas, os directores, etc.” (*Da Revolução à Normalização*, 2004). O novo momento político do pós-25 de Abril veio assim a reflectir-se na televisão, como atenta Hernâni Santos: “O que estava em causa era os governos aguentarem-se. Conforme um caiu depois [outro] (...). De facto, as próprias características do momento político não eram conducentes a que ele se repercutisse no interior da televisão, e não se repercutiu.” (*Da Revolução à Normalização*, 2004). Também Fernando Lopes considerou que a razão que justificava a possibilidade destas alterações profundas tomarem lugar na RTP era indissociável da situação política portuguesa vivida na época:

Porque é que acontece em 1977 e 1978 (...) porque evidentemente há um momento de fraqueza, há um presidente que é o General Ramalho Eanes que tem nessa altura poderes com uma grande capacidade de intervenção, que incluíam de facto a própria televisão. (...) Ou seja há uma possibilidade das pessoas que vão para a televisão de poderem jogar com alguma fraqueza que existiria naquele momento no aparelho político e poderem fazer a sua própria proposta. Porque no fundo nós sabíamos que tínhamos, quer o João [Soares Louro] quer eu, o apoio do General Ramalho Eanes nessa matéria. Portanto é um momento político muito especial. (*Da Revolução à Normalização*, 2004).

Se no período de 1969 a 1977 é difícil destacar um programa de informação de origem nacional que seja inédito na RTP2, isto é, que não tenha sido uma retransmissão da RTP1, a verdade é que a partir de 16 de outubro de 1978 dá-se uma transformação na informação, que aposta nas entrevistas a personalidades portuguesas de várias áreas e para os debates sobre assuntos nacionais e internacionais, em programas semanais. Destacamos os que tiveram o maior número de horas de transmissão: *Directíssimo* (1978-79), conduzido por Joaquim Letria, com entrevistas a personalidades nacionais de várias áreas; *Cartas na Mesa* (1978-79), cujo formato tinha por base o debate da vida nacional, transmitido aos sábados e apresentado por José Manuel Barroso; *A Par e Passo* (1978-79), programa que alternou entre o horário nobre do sábado e o *prime time* do domingo, no qual se passavam em revista as

atualidades nacionais e internacionais da semana. O horário de início de transmissão destes três programas situava-se entre as 21h30 e as 22h30, com uma duração média de 60 minutos.

Não é coincidência que os três programas referidos, deste período, tenham todos começado a sua emissão no ano de 1978 e concluído em 1979 pois, de facto, esta mudança clara na programação da RTP2 terminou com o fim da administração de João Soares Louro, no ano de 1980. Ano esse que, importa frisar, a própria RTP reconhece no seu *Relatório e Contas* como sendo um ano de viragem que teve um impacto na programação dos dois canais.

A Direcção de Programas conheceu, durante o ano de 1980, três Directores de Programas o que provocou alguma instabilidade no início da actividade dos novos responsáveis e consequentes alterações à política de programação, com reflexos inevitáveis (...). No entanto, não se verificaram situações de ruptura. (*Relatório e Contas – 1980*, 1980, p. 15).

As escolhas em que assentava a liderança de João Soares Louro foram escrutinadas através de uma grande sondagem nacional encomendada pela RTP à empresa Contagem. O primeiro canal era especialmente visto pelos programas de entretenimento e o segundo estava claramente associado a informação de qualidade.

O auditório do 1.º Canal era heterogéneo (a sua penetração ia a percentagens diárias da ordem dos 79%), enquanto o auditório do 2.º era bastante mais elitista, assente em estratos profissionais elevados (penetração de 5%). Mas refira-se, como dado a ter em conta, que alguns programas do 2.º eram pontualmente procurados pelos habituais espectadores do 1.º. Viam-nos e, depois, regressavam. A Informação/2 era um dos programas que mais vezes motivava essa “fuga” temporária do 1.º. (Teves, 2007, *Década de 70 – RTP-2: um novo Canal*, p. 10).

Terminada esta fase particularmente vibrante e até disruptiva, a RTP2 regressa ao seu anterior estado e função de complementaridade do primeiro canal. Em 1980, com a mudança política em Portugal – Francisco Sá Carneiro chefia o VI Governo Constitucional – muda também a

direção da RTP, terminando a era de João Soares Louro, para se iniciar a presidência de Daniel Proença de Carvalho³. As direções de informação da RTP1 e da RTP2 voltaram a unir-se e assim termina este período de 1978 a 1980, uma época a que o jornalista Joaquim Furtado se refere da seguinte forma:

Esse projecto foi de facto um grande de informação que rompeu com a imagem, que justamente existia porque era fundamentada, de dependência em relação a critérios político-governamentais. (...) Infelizmente esse projecto veio a ser extinto, muito pouco tempo depois. (...) Mas foi um grande projecto de televisão onde foi possível fazer de facto informação de uma forma isenta. (*Da Revolução à Normalização*, 2004).

Em 1984, na RTP reflete-se ainda sobre a hipótese de regressar a essa separação entre a RTP1 e RTP2, mas reconhece-se a impossibilidade de tal acontecer, avaliando o estado da estação televisiva portuguesa e a necessidade de complementaridade pela RTP2, deste modo:

Sendo o orçamento de exploração da Direcção de Programas insuficiente para a emissão de dois canais continentais competitivos, optou-se pelo reforço qualitativo dos conteúdos da RTP1, atribuindo-se à RTP2 um carácter alternativo, aí repetindo, com o apoio de uma telenovela em estreia, os programas antes exibidos, mas a horas e dias da semana diferentes, de modo a permitir que grupos de público com hábitos de vida diferentes os seguissem. (*Relatório e Contas – 1984*, p. 9).

A RTP2 na década de 1980 e a procura de uma nova identidade

O segundo canal da RTP, que outrora servia praticamente para apoiar e repetir a programação da RTP1, emitindo apenas alguns programas originais, conheceu nesse período de 1978 a 1980 alterações tão profundas que, mesmo com a referida interrupção dessa linha mais interventiva, independente e até irreverente no modo de dar informação, o canal

³ Cf. <https://ensina.rtp.pt/artigo/historia-da-informacao-no-canal-2/>

entrou na nova década com um legado importante na produção informativa. De facto, começam a surgir neste período, na grelha da RTP2, novos programas de informação não diários que contrastam com o paradigma da RTP pré-1978. Atente-se, por exemplo, a programas que abordavam temas da atualidade, com entrevistas e debate, como: *Estúdio Aberto* (1981-1984), *Complemento Directo* (1981-1982), *Quarta Há Noite* (1981-1982), *Directo/2* (1985-1986) e *Nós Por Cá* (1985-1986). As transformações da RTP2 acentuaram-se a partir de 1985, quando passa a haver um claro investimento em produções nacionais e uma necessidade de reajustar mais uma vez os conteúdos e a identidade do segundo canal. De notar que durante este período da década de 1980 os *Anuários* e os *Relatório e Contas* referem-se continuamente à RTP2 como um canal de conteúdos alternativos e para um outro tipo de público, definindo assim esta nova identidade. Como é referido no *Relatório e Contas* de 1985:

Ao longo do ano de 1985, a política de programação conheceu duas fases distintas. Até final de Abril, procurou-se assegurar a continuidade da grelha (...); a partir de Maio, avançou-se com um novo mapa-tipo, que introduziu mudanças consideráveis na base de uma filosofia de programação que definiu o perfil dos canais tendo em conta prioritariamente a Lei da Televisão e a diversidade de interesses nos telespectadores. Conferiu-se, assim, à programação do 2.º Canal um cariz claramente alternativo, aumentou-se a percentagem de programas de produção nacional (de 33% a 43%) e atingiu-se um maior equilíbrio entre as diversas áreas de programação ficcional, recreativa e cultural. (*Relatório e Contas – 1985*, 1985, p. 7).

Com esta visão de renovação do segundo canal, o investimento feito na segunda metade da década de 1980 fez conhecer na programação do canal da RTP2 vários programas de informação não diários no panorama nacional. Note-se que quando aqui falamos de programas de informação diária referimo-nos ao telejornal e a outros programas informativos diários, na grelha da RTP2; por informação não diária, como o próprio nome indica, referimo-nos aos programas informativos emitidos bissemanal, semanal, quinzenal ou mensalmente. Relembramos que o foco deste estudo incide nos programas de informação não diários, em

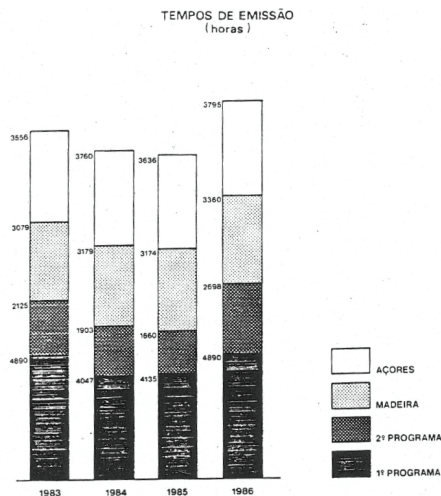


Figura 5. Tempos de Emissão dos canais da RTP nos anos de 1983 a 1986.

Fonte: *Relatório e Contas – 1986*, 1986, p. 14.

particular naqueles que são emitidos no horário nobre. Ora, no seguimento desta observação, é importante esclarecer que os programas de informação que passaram na RTP2, e que elencamos ao longo deste estudo, não são sempre programas de teor jornalístico e/ou de reportagem, incluindo-se nestas horas de emissão outro tipo de programas (como por exemplo, programas de meteorologia ou de divulgação cultural, por exemplo).

Centrando-se a nossa pesquisa nos programas de informação não diária do horário nobre, de teor informativo e conduzidos por jornalistas, destaque-se, na segunda metade de 1980, programas como: *Nós Por Cá* (1985-86), um programa com foco em diversas regiões do País, estando presente em estúdio um representante de um jornal da região focada; *A Hora da Verdade* (1988-1990), com uma reportagem seguida de um debate conduzido por Miguel Sousa Tavares e Margarida Marante; e *Sinais do Tempo* (1988-2003), aquele que será um dos programas de maior longevidade na RTP, da responsabilidade de José Manuel Barata-Feyo, “com documentários e grandes reportagens sobre temas da atualidade, seleccionados enquanto sinais de problemas e novas questões dos tempos modernos”.⁴ É igualmente importante

⁴ V. <https://arquivos.rtp.pt/programas/sinais-do-tempo/>

salientar, neste período da década de 1980, a exibição de programas como *Clube de Imprensa* (1982-1983 e 1987-1988), um programa de entrevistas da responsabilidade do Clube Português de Imprensa, com um guião de perguntas concebido por jornalistas, sobre temas nacionais e internacionais; e *Clube de Jornalistas* (1987-1988), da responsabilidade do Clube de Jornalistas, igualmente centrado em entrevistas, mas com uma abordagem circunscrita aos problemas e desafios do campo jornalístico.



Figuras 6 e 7. (esquerda) Logótipo da RTP2 utilizado no Anuário de 1986; (direita) Logótipo da RTP2 utilizado no Anuário de 1989.

Fonte: *Anuário da RTP – 1986*, 1986, p. 155 e *Anuário da RTP – 1989*, 1989 p. 105.

Parecia, por esta altura, que a identidade da RTP2 estava mais robusta, pois o canal que outrora servira apenas para complementar a RTP1 passava agora conteúdos informativos próprios. Estaria, assim, assegurado um novo projeto no panorama televisivo nacional. Contudo, e como vinha sendo habitual na história da RTP2, ocorreu uma nova reestruturação, deste vez no ano de 1989, que alterou mais uma vez o nome do canal, dessa vez para Canal 2. Transformou-se também, de forma significativa, a programação na sua grelha:

Procurando, também, um novo e mais amplo envolvimento das várias áreas de atividade, a RTP foi alvo de profunda reestruturação interna, com saliência para a Informação e Programas, que se uniram sob uma mesma chefia: a de José Eduardo Moniz, para o canal 1; de Adriano Cerqueira, para o canal 2. (Teves, 1992, p. 23)

Estas alterações teriam repercussões mais profundas no ano seguinte, 1990, começando a nova década, mais uma vez, com o segundo canal da RTP a alterar a sua imagem e programação, em particular no campo da informação.

Pela primeira vez, o Canal 2 dispôs de uma verdadeira “grelha” informativa. Em 1990 os programas informativos diários passaram a ser 3: *Primeiro Jornal-Sumário (...)*, *Primeiro Jornal (...)* e *Jornal das 9. (...)* Ao longo do ano o Canal 2 concretizou, progressivamente, a orientação estabelecida de se afirmar como alternativa ao Canal 1 diversificando a sua programação e conquistando audiências específicas, também importantes do ponto de vista comercial. (*Relatório e Contas – 1990*, 1990, p. 10-11).

Esta mudança nos programas informativos não teve apenas um impacto na informação diária (como foi o caso do telejornal), mas também na informação não diária, com o aparecimento de programas como: *Acerto de Contas* (1989-1993), com informação económica, conduzido por António Peres Mettelo e Pedro Vassalo; *Desgarradas* (1989), com debates conduzidos por Artur Albarran; *Gente Nossa* (1990-1991), com reportagens realizadas em diferentes regiões portuguesas; e o programa de debate com muitas personalidades convidadas, apresentado por Joaquim Furtado, *Falar Claro* (1991-1992). Sobre esta nova programação e imagem, Adriano Cerqueira, o então diretor do Canal 2, afirmou na altura o objetivo de o segundo canal da RTP ser distinto nos seus conteúdos, referindo: “Estamos a fazer uma programação que será, de facto, uma alternativa para as pessoas que estão em casa e que só vêem a RTP” (Teves, 1992, p. 23).



Figuras 8 e 9. (esquerda) Logótipo da RTP2 utilizado no Anuário de 1990; (direita) Logótipo da RTP2 utilizado no Anuário de 1991.

Fonte: *Anuário da RTP – 1990*, 1990, p. 141 e *Anuário da RTP – 1991*, 1991, p. 141.

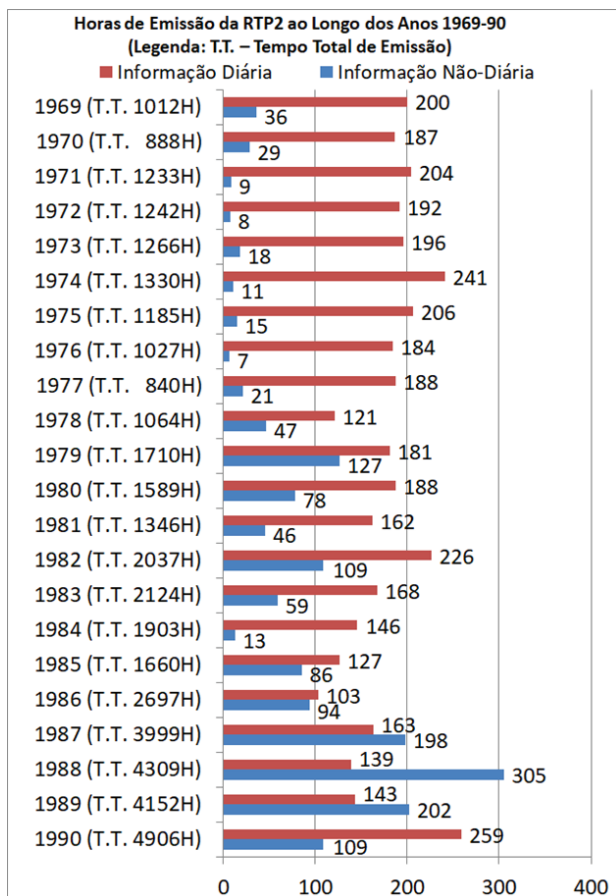
As emissões da RTP2 e o espaço dedicado à informação diária e à informação não diária

Como vimos ao longo deste estudo, com o surgimento de novos programas a RTP2 aumentou progressivamente, na década de 1980, as horas dedicadas a informação diária e não diária, assim como o seu tempo total de emissão. Neste sentido, considere-se o seguinte gráfico que sistematiza esta evolução de 1969 a 1990.

Veja-se do lado esquerdo os diferentes anos seguidos de T.T., que significa o tempo total de emissão nesse ano; a vermelho as horas de

Gráfico 1. Tempo Total de Emissão (T.T.), Informação Diária e Não diária na RTP2 de 1969 a 1990.

Fonte: Elaboração própria com dados recolhidos dos Anuários da RTP, de 1969 a 1990.



informação diária e a azul as horas de informação não diária, em cada ano na RTP2, de 1969 a 1990. De notar que decidimos não incluir 1991 pois os seus valores colidem consideravelmente com os restantes anos e dificultam por isso a leitura dos outros dados apresentados no presente gráfico (contudo, e por motivos de comparação, insere-se de seguida essa informação: 139 horas para informação não diária, 668 para informação diária e tempo total de emissão de 5637 horas). Importa dizer também que todos os dados recolhidos para este Gráfico 1 foram retirados dos Anuários da RTP e basearam-se no critério escolhido pela RTP para diferenciar programas diários de não diários. Vincamos este ponto pois, no nosso critério, alguns dos programas identificados como não diários são, aparentemente, pela descrição retirada dos Anuários da RTP, programas diários. Um exemplo disto pode ser visto nos programas *Trinta Minutos com...* (1987-1989) e *Ponto por Ponto* (1987-1988) que são descritos como não diários, mas foram na verdade emitidos todos os dias. Estes dois programas acabaram por inverter os números apresentados no Gráfico 1, sendo possível identificar que excepcionalmente nos anos de 1987 a 1989 o tempo de informação não diária supera a informação diária, segundo os critérios e organização dos Anuários da RTP sobre os programas de cada ano em estudo.

Assim, e regressando ao gráfico, é possível perceber que a RTP2, durante o período de análise para este estudo, aumentou progressivamente o seu tempo de emissão e horas dedicadas à informação não diária, sendo que o tempo de informação diária – maioritariamente dedicado ao telejornal e meteorologia – parece não aumentar significativamente neste período. De facto, se, como referimos anteriormente, a RTP2, entre 1969 e 1978, tinha cerca de 1000 horas de emissão anuais, de 1979 a 1985 passou a ter uma média de 1750 horas por ano (com valores a subirem gradualmente, passando sempre, a partir de 1992, a ser superior a 5000 mil horas de emissão por ano). E o tempo dedicado aos programas não diários de informação aumenta igualmente, passando de uma média de 17 horas por ano, de 1969 a 1977, para uma média de 63 horas, entre 1978 e 1980, o período que referimos há pouco como de mudança para a RTP2.

Nos anos seguintes, de 1981 a 1986, os programas de informação não diários ficaram na média de 67 horas anuais, com picos – 109 horas,

em 1982 – e descidas – 13 horas, em 1984. A partir de 1987, passou a ter 200 ou mais horas anuais. Esta aposta na informação, no fim da década de 1980, foi reforçada quando, em 1989, a RTP conheceu uma nova reestruturação interna: “Procurando, também, um novo e mais amplo envolvimento das várias áreas de actividade, a RTP foi alvo de profunda reestruturação interna, com (...) José Eduardo Moniz, para o canal 1; e Adriano Cerqueira, para o canal 2.” (Teves, 1992, p. 23). Adriano Cerqueira afirmaria, um ano depois, a vontade de tornar o canal da RTP2, na altura RTP Canal 2, uma assegurada alternativa no panorama nacional: “«Estamos a fazer uma programação que será, de facto, uma alternativa para as pessoas que estão em casa e que só vêm a RTP»” (Teves, 1992, p. 23). E, de facto, a década de 1990 seria uma altura de mudanças significativas no investimento em programas de informação na RTP2, como daremos conta no capítulo seguinte.

Conclusões

O surgimento da RTP2 foi o primeiro passo da expansão do universo RTP, depois de onze anos de emissões do primeiro canal. Na área da informação, a replicação marcou parte da sua existência, designadamente ao transmitir em simultâneo os noticiários da RTP1, como referimos.

Contudo, ao longo da sua existência, a informação na RTP foi ganhando outros espaços para além dos noticiários. Refere Jacinto Godinho, aludindo ao programa TV 7: “(...) em 1964, a informação televisiva deixara de ser apresentada exclusivamente nos telejornais. O recém-criado Serviço de Actualidades da RTP dá início a um magazine semanal onde se projectava um outro aprofundamento das notícias e da reportagem” (Godinho, 2011, p. 146). Esse programa, que durou cerca de dez anos e chegou a ser transmitido em simultâneo nos dois canais da RTP, entre 1969 e 1971, indiciava essa vontade de conferir à área da informação outras possibilidades, que passariam por trabalhos jornalísticos de maior profundidade.

Como percebemos pela análise apresentada, o segundo canal da RTP não se afirmou imediatamente como alternativa ao primeiro canal. Só em 1978, com o programa semanal *Directíssimo*, o público tem acesso

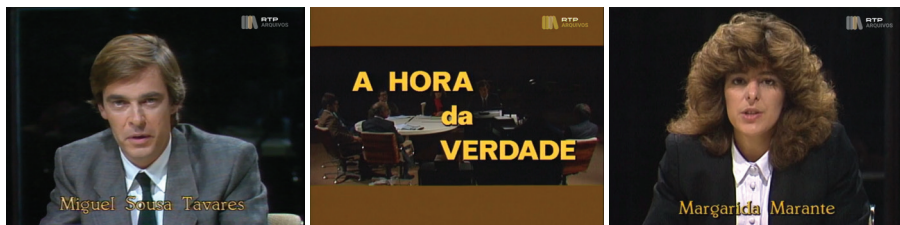
a informação não diária autónoma, na atual RTP2. O formato assentava na entrevista a individualidades de vários setores da vida portuguesa. Dois anos depois, deu lugar a *Cartas na Mesa*, cujo modelo não diferiu substancialmente do antecessor.

Em 1980, iniciam-se as emissões a cores da RTP e seis anos depois dá-se outra mudança significativa: a empresa instala-se na Av. 5 de Outubro, em Lisboa, com equipamentos substancialmente melhores. Alarga-se o número de horas de emissão e em 1989 dividem-se os dois canais.

Mas já na segunda metade da década de 1980 assistiu-se à entrada de programas de grande informação, na RTP2, nos quais a reportagem era central. No caso de *Sinais do Tempo*, um programa já aqui referido como marcante na identidade da RTP2, dada a sua longevidade considerável – de 1988 a 2003 –, era emitido semanalmente (por vezes, quinzenalmente) apresentando uma grande reportagem sobre um tema de especial relevância. A amplitude temática era significativa – o assunto poderia ser da área da saúde, mas também da política nacional ou internacional. José Mensurado, Paulo Dentinho e Vasco Matos Trigo alternaram na apresentação do programa, que tinha duração média de uma hora e que contou com reportagens de jornalistas conceituados, como é o caso de José Manuel Barata-Feyo.

Outros dois nomes relevantes do jornalismo televisivo, Miguel Sousa Tavares e Margarida Marante, foram os rostos d'*A Hora da Verdade*, que se centrava em assuntos nacionais, como o sistema prisional português, a despenalização da interrupção voluntária da gravidez, a sinistralidade nas estradas portuguesas, entre muitos outros. Também neste programa quinzenal, no ar de 1988 a 1990, a reportagem esteve presente; no caso, como base de debate em estúdio conduzido pelos referidos jornalistas.

Assim, podemos afirmar que, de 1968 a 1991, os programas de informação não diária emitidos na RTP2 foram maioritariamente realizados com recurso a entrevistas em estúdio; contudo, o investimento técnico e humano na produção jornalística centrada na reportagem – o género nobre do jornalismo – manifestou-se de forma expressiva na segunda metade da década de 1980, através dos programas que destacámos, tendo havido um prenúncio desse caminho durante o curto período de 1978-80. As mudanças de administração e consequentes alterações na grelha



Figuras 10, 11 e 12. (esquerda) Miguel Sousa Tavares n' *A Hora da Verdade*, no episódio “O Algarve – Parte I” de 13 de Outubro de 1988; (centro) Genérico d' *A Hora da Verdade* do episódio “A Droga – Parte I” de 27 de Outubro de 1988; (direita), Margarida Marante n' *A Hora da Verdade*, no episódio “Panorama da Pesca Portuguesa – Parte I” de 4 de Janeiro de 1990.

Fonte: RTP Arquivos.

televisiva assinalavam uma intervenção governamental temporalmente correspondente, como lembra José Manuel Barata-Feyo: “O presidente do Conselho de Administração da RTP exercia funções com a assinatura da tutela. Não tinha qualquer espécie de independência funcional”⁵. Esta situação presente em ditadura, mas também durante os primeiros anos de democracia, condicionou as grelhas televisivas da estação pública, no seu todo; também a RTP2 ficou refém de decisões que a impediram de traçar, desde o seu início, um caminho coerente e constante, com uma oferta de programas de informação próprios e alternativos, dentro do panorama televisivo português.

⁵ V. entrevista realizada por Paulo Martins a José Manuel Barata-Feyo, publicada na revista *JJ-Jornalismo & Jornalistas*, n.º76, out/dez. 2021, p. 32.

Bibliografia

- Cádima, F. R. (1999). *Desafios dos novos media, a nova ordem política e comunicacional*. Editorial Notícias.
- Cádima, F. R. (2010). *Televisão, Cidadania e «História Única». Uma Análise da Bibliografia Portuguesa Sobre o Jornalismo Televisivo em Portugal*. [Online]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277711854_Televisao_Cidadania_e_Historia_Unica_Uma_Analise_da_Bibliografia_Portuguesa_Sobre_o_Jornalismo_Televisivo_em_Portugal/stats#fullTextFileContent
- Carvalho, A. A. (2009). *A RTP e o Serviço Público de Televisão*. Almedina.
- Fernandes, T. (2002). Uma “pedrada no charco”. *Público*. <https://www.publico.pt/2002/09/01/jornal/informacao-2-uma-pedrada-no-charco-174079>
- Godinho, J. (2011). *As Origens da Reportagem – Televisão*. Livros Horizonte.
- Lopes, A. S. & Coutinho, M. C. (2021). Os programas de informação no segundo canal da RTP: de 1968 a 1991. ICNOVA. Disponível em: <https://colecaoicnova.fcsh.unl.pt/index.php/icnova/article/view/78/83>
- Lopes, F. (2007). *A TV das elites: estudo dos programas de informação semanal dos canais generalistas: 1993–2005*. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/41122>
- Martins, P. (2021). «“Os leitores hoje são mais exigentes”». Entrevista realizada a José Manuel Barata-Feyo in *JJ-Jornalismo e Jornalistas*, n.º76, out/dez 2021.
- Pinto, M. (coord.) (2005). *Televisão e Cidadania. Contributos para o debate sobre o serviço público*. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/41881>
- Sena, N. M. de. (2009). A evolução da grelha programática pré- e pós-Telejornal (1959-2009). *Comunicação E Sociedade*, 15, 127-147. [https://doi.org/10.17231/comsoc.15\(2009\).1048](https://doi.org/10.17231/comsoc.15(2009).1048)
- Silverstone, R. (1994). *Television and Everyday Life*. Routledge.
- Sousa, H. e Pinto, M. (2004). *The Economics of Public Service Television and the Citizenship Rhetoric*. [Online]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/1003>
- Teves, V. (1992). *RTP 35 anos de experiência – 1957-1992*. Nova Força, CRL.
- Teves, V. (2007). *RTP, 50 anos de História*. Ed. Rádio Televisão Portuguesa. Disponível em: <https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/DecadaDe50/default.htm>
- Torres, E.C. (2011). *A televisão e o serviço público*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Traquina, N. (1997). *Big Show Media – viagem pelo mundo do audiovisual português*. Editorial Notícias.

Outras fontes

- Anuários da RTP, de 1968 a 2002.
 História da Informação do Canal 2.

<https://ensina.rtp.pt/artigo/historia-da-informacao-no-canal-2/>

Relatório e Contas da RTP, de 1967 a 2002.

RTP Arquivos. (1988). *O Algarve – Parte I*.

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-algarve-parte-i/>

RTP Arquivos. (1988). *A Droga – Parte I*.

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-droga-parte-i/>

RTP Arquivos. (1988-90). *A Hora da Verdade*.

<https://arquivos.rtp.pt/programas/hora-da-verdade/>

RTP Arquivos (1990). *Panorama da Pesca Portuguesa – Parte I*.

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/panorama-da-pesca-portuguesa-parte-i/>

RTP Arquivos. (2004). *Da Revolução à Normalização*.

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/da-revolucao-a-normalizacao/>